

Obadyah Alliance

**ALGUMAS PALAVRAS
SOBRE O LIVRO DE
ESTER**

Hakham Sabato Morais

Obadyah Alliance

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O LIVRO DE ESTER

AOS ALUNOS DA ESCOLA DE ÓRFÃOS

(שערי ואבי אורה יתומים)

NO SHABBATH זכור 9 DE ADAR DE 5609

do seu professor de hebraico

Hakham Sabato Morais

Impresso originalmente devido ao desejo do SIR MONSES MONTEFIORE,
Baronete, para a distribuição às crianças das escolas congregacionais.

Prefácio do Hakham Yehonatan Elazar-DeMota

Tradução de Holean Costa

TÍTULO ORIGINAL

A Few Words on the Book of Esther

© E. Varty, Londres, 1849

AUTOR

Sabato Morais

TRADUÇÃO, DIGITAÇÃO E CORREÇÃO GRAMATICAL

Holean Costa

REVISÃO TÉCNICA

Yehonatan Elazar-DeMota (Hakham)

EDIÇÃO

Holean Costa

Yehonatan Elazar-DeMota

CAPA

Holean Costa



www.obadyah.com

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa dos editores.

2018

PREFÁCIO

Não apenas verdadeiros anussim – judeus convertidos forçadamente ao cristianismo – tentaram, com todas as suas forças, viver como judeus; até mesmo os filhos e os netos de apóstatas inclinaram-se a seguir os passos de seus antepassados menos recentes por sua própria vontade e escolha.

Os anussim visitavam secretamente seus irmãos judeus para se juntarem a eles na celebração das festas judaicas, participavam dos serviços nas esnogas, escutavam os sermões e discutiam determinados temas da religião. Não faziam nenhum trabalho aos sábados, observavam as leis fúnebres e as leis dietéticas e jejuavam em Yom Kippur e, mesmo as mulheres, observavam o jejum de Ester. Tinham livros de oração judaicos e contratavam seus próprios professores de hebraico e abatedores rituais. Durante o dia, comportavam-se como católicos exemplares, participavam da missa, confessavam e faziam com que seus filhos fossem batizados. Mas, em certas noites, encontravam-se secretamente nas casas de outros da Nação, retomavam seus nomes hebraicos e liam a Torá. Esses receberam o rótulo depreciativo de "marranos".

Assim como a rainha Esther teve que esconder sua identidade judaica das autoridades persas, esses anussim esconderam suas práticas judaicas das autoridades católicas. Como resultado, a figura da rainha Esther tornou-se um símbolo de orgulho e esperança para os anussim ibéricos em toda a diáspora sefardita.

A Obadyah Alliance espera que, através desta obra do ḥakham Sabato Morais que aborda o livro de Ester, toda a Nação seja fortalecida na Torá e em seus preceitos.

Yehonatan Elazar-DeMota
Presidente da Obadyah Alliance

OBSERVAÇÕES DO TRADUTOR

Esta tradução é mais um fruto do esforço da Obadyah Alliance em prol da disseminação da tradição sefardita e de seu legado, provendo os judeus de origem hispano-portuguesa de obras de célebres ḥakhamim que compõem sua história. A *marginalia* introduzida ajuda a melhor compreender a mensagem e a melhor localizar as citações do autor.

Nesta importante obra, o autor rememora os acontecimentos narrados no livro de Ester, exaltando as virtudes da rainha. Ressalta que não só o jejum e a alegria que vem após esse, ações comuns da época da festa judaica de Purim, são importantes ordenanças tiradas do livro de Ester, mas também o amor mútuo e a caridade, sendo esta expressa na própria vida de seu público imediato, os órfãos da escola, cuja subsistência e instrução derivavam dos atos de caridade da comunidade. Eles, mais do que todos, deveriam disseminar a caridade, imitando a rainha Ester. Imitar essa personagem e também seu primo Mordekhay é dever de todo judeu e de toda judia.

Holean Costa

MEUS QUERIDOS JOVENS AMIGOS,

Frequentemente, vocês me ouvem dizer que, ao devotarmos o nosso tempo ao estudo dos escritos sagrados, nosso principal objetivo deve ser não tirar vantagem terrena disso e nem devemos também estudá-los visando à aquisição de um nome respeitável ou ao ganho de riquezas e luxo entre os confortos da vida; mas um desejo nobre e sagrado é o que deve nos mover a fazê-lo.

Esse desejo nobre e sagrado é o de aumentar nosso conhecimento, para melhor entendermos os mandamentos do Criador e aprendermos como Lhe obedecer; para sermos úteis para nossos semelhantes, promovendo sua educação e moralidade; para purificarmos nossa alma imortal, empregando-a em ações virtuosas, fazendo-a, através da sabedoria, digna de sua sublime origem.

Como a mente de vocês é ainda muito doce para seguirem o caminho que pode os levar à conquista de fim tão desejável, necessitam que alguém mais experiente lhes aponte a direção. Esse é meu propósito com as palestras que faço para vocês de vez em quando.

Vocês estudam a Bíblia, mas a profunda moralidade que ela contém não é ainda clara para seus olhos; vocês não podem, a menos que lhes sejam expostas, descobrir aquelas passagens que atingem a mente de um leitor profundo; examinar minuciosamente as vidas de alguns de seus heróis e tomá-las como exemplos. Eu devo lhes explicar a incomparável beleza desse livro inspirado, despertar o desejo de fazê-lo sua continua meditação, de adesão comprometida a suas ordenanças e de reverência a ela como o mais instrutivo, mais prazeroso e mais sagrado livro que podem ler na vida.

A história de Ester, que é lida por todo israelita em sua respectiva casa ou sinagoga durante este período, é rica em eventos que merecem nossa profunda atenção. Assim, faremos disso o tópico do presente discurso.

Quando nossos ancestrais, rejeitando a lei de Deus, trouxeram sobre si Sua indignação, quando se esqueceram das maravilhas que Ele fizera por eles, quando desprezaram as admoestações dos profetas, que lutaram para que voltassem de seus caminhos errados, para os reconduzirem ao caminho do Eterno, quando a terra de Israel estava contaminada com idolatria e um rei de Judá ousou profanar o santuário com suas abomináveis imagens, então, multidões de nações bárbaras pisaram no nosso solo – como animais vorazes, destruíram mães e filhos – não poupando nem os de cabelo branco nem os lactentes, quando passaram deixaram vestígios de sua selvageria. O Templo sagrado, a admiração de todos os povos, foi entregue às chamas. O último de nossos príncipes, após testemunhar a morte de seus filhos, foi cruelmente privado de sua visão e levado cativo, com o restante de nossos irmãos, para uma terra distante. Foi a visão deplorável dessas desgraças que sobrevieram a Israel que fez Jeremias, em sua lamentável fala, exclamar “Ó! Como está solitária, qual uma viúva, a cidade que outrora fora tão populosa! Ela, que se mantinha altaneira entre as nações e era a princesa das províncias”¹. Mas, o Eterno também dissera pela boca daquele profeta: “Se tudo que estabeleci se desfizer sem Minha ordem, então também a semente de Israel deixará de ser nação diante de mim para sempre”². “Deus não é homem para que minta, nem filho de homem para que se arrependa; se Ele disse, não o fará? E tendo falado, não o cumprirá?”³. Homens podem conspirar contra nós, reis podem decretar nosso extermínio, mas o plano do Eterno permanecerá para sempre.

Durante o período que nossos ancestrais foram cativos na Babilônia, esse poderoso reino, que espalhou terror entre todos seus vizinhos, passou a ficar, por sua vez, sob controle da Pérsia, que tinha, naquele momento, estendido sua influência da Índia até a Etiópia. ‘Aḥashwerosh, assim chamado na Bíblia, um de seus soberanos, promulgou um edito ordenando que todos os seus súditos deveriam se ajoelhar perante Haman, seu ministro predileto. Todos obedeceram à ordem do rei com muito medo. Apenas um homem ousou desobedecer. O judeu Mordekhay, evitando sua degradação a tão baixo nível como o de se curvar a um mortal, recusou fazer a requerida medida. Quão grande foi a ira do ministro do rei quando soube como Mordekhay procedeu! Ele se enfureceu e, em breve, despejaria essa ira

¹ Ekhá/Lamentações I, 1. (N. do T.)

² Yirmiyahu/Jeremias XXXI, 35. (N. do T.)

³ No original em inglês, o autor não cita a referência (Bamidbar/Números XXIII, 19) desta citação, que deveria ser marcada como direta, como nesta tradução. (N. do T.)

sobre Mordekhai, se um pensamento mais brutal não tivesse passado por sua mente. Uma vingança não seria suficiente para sua ambição sem limites. Contaram-lhe sobre o povo de Mordekhai. Haman soube que essa nação, apesar de estar entre idólatras, adorava a um Deus único, não adorava homens, mas a seu Criador, e ele resolveu exterminá-la da face da terra.

Para conseguir seu propósito, Haman apresentou-se diante do rei, descrevendo os judeus com um povo obstinado, que não seguia suas leis, obedecendo somente suas próprias leis; uma nação cujo exemplo poderia ser prejudicial à coroa. Ele sabia usar sua língua sutil muito bem e obteve sucesso ao tentar fazer com que a mente instável de seu soberano se voltasse contra os inofensivos israelitas. O rei, prontamente, concedeu-lhe seu pedido e, tirando o anel de seu dedo, deu-o a seu ministro favorito, como um símbolo de sua estima. O consentimento mal tinha saído da boca do rei, quando mensageiros foram enviados às cento e vinte e sete províncias do império para armar os gentios contra os infelizes judeus, para os aniquilarem em um só dia, aos treze dias de 'Adar.

Quem pode lhes retratar a consternação de nossos pais com essas notícias? Que língua poderia lhes descrever a angústia do pobre Mordekhai? Ele rasgou suas vestes, vestiu roupas de saco, cobriu sua cabeça com cinzas e clamou amargamente a seu Deus. Mas, o Eterno dissera: “Se tudo que estabeleci se desfizer sem Minha ordem, então também a semente de Israel deixará de ser nação diante de mim para sempre”².

Antes de Haman dar seu golpe, o Todo-poderoso, em seu incessante amor pelos filhos de seu fiel Abraão, tinha preparado uma solução para isso. Uma mulher foi, *novamente*, Seu instrumento de salvação – uma mulher cujo caráter deve ser imitado por cada um de nós. Eu disse *novamente*, pois as mulheres de Israel sempre rivalizaram com os homens, chegando a excedê-los em virtude e zelo patriótico. As mulheres israelitas marcharam contra os assaltantes de seus irmãos e demonstraram muita coragem; mulheres cantaram o cântico ao Eterno no dia da vitória; mulheres impactaram as pessoas com sua linguagem sublime e profética; mulheres julgaram o povo de Deus e mostraram-no como deveria escolher e aquilo que deveria fazer.

Ester foi a mulher que Deus escolheu para salvar Seu rebanho das presas do lobo. Filha de pais exilados da tribo de Benjamim, ela os perdeu quando mais necessitava de seu conselho e apoio. Sozinha no mundo cruel, teria sucumbido sob

o fardo de seus problemas, não fosse Mordekhai, seu primo, que lhe estendeu a mão. Ele a pôs sob seu teto e instilou em sua jovem mente um amor por Deus, por nossa religião, por seu país desolado e por seu povo. Ester cresceu e o trabalho de Mordekhai foi coroado com sucesso. Adornada com beleza moral e física, ela cativava a afeição de todos que a viam. A Escritura Sagrada não nos informa sobre o estado de sua vida privada, mas, se inferirmos de seu caráter e do caráter de seu primo, deveria ser de contentamento e de felicidade, pois onde quer que estejam religião e moralidade verdadeira, a alegria é uma consequência certa. Acreditem, meus queridos pupilos, opulência não constitui felicidade; pedras preciosas e joias caras não contribuem para nosso bem-estar de modo algum; apenas a religião e a virtude asseguram zelosamente isso.

Procedamos em nossa narrativa. Não necessito me demorar nas circunstâncias que levaram a ilustre judia ao trono. Todos vocês sabem como o rei 'Ahashwerosh, irritado com a desobediência de sua esposa Vashti, resolveu privá-la de sua dignidade e concedê-la a quem ele julgasse digna de possuí-la. Também não é desconhecida de vocês a ordem que ele deu, de que toda moça deveria se dirigir a seu palácio, que ele escolheria, entre essas, uma cuja cabeça merecia ser adornada com o diadema real. Mas, provavelmente, vocês devem ter esquecido a seguinte passagem: "Ao ser divulgado o mandato do rei e a sua lei, ao serem ajuntadas muitas moças em Shushán, a capital, sob as vistas de Hegai, *levaram também Ester à casa do rei.*"⁴ Enquanto as outras apressaram-se avidamente para ir à metrópole, onde tinham esperança de encontrar honra e grandeza; nossa heroína, longe de aspirar à cobiçada dignidade, manteve-se conforme seu próprio coração, e a compulsão deve tê-la forçado a abandonar a moradia de sua infância, seu amado primo – a quem destinava grande gratidão – e ir unir seu destino ao das gentias. Mas, ela era a mulher que Deus, em seus inescrutáveis desígnios, selecionara para frustrar a intenção do perverso e salvar o seu povo do perigo.

O eunuco do rei, responsável pelas mulheres que deveriam se apresentar ao soberano, tendo percebido no comportamento de Ester uma superioridade que a elevava acima das outras, mostrou-lhe favores particulares. Colocou-a nos melhores aposentos do palácio e se esforçou em prol de sua felicidade. A gentil moça hebreia, sensível à bondade que lhe foi destinada, buscou lhe retribuir, consentindo com

⁴ Esther/Ester II, 8. (N. do T.)

todas as suas sugestões e, até mesmo no momento mais importante para decidir seu destino, quando as outras usariam todos os meios para fascinar o rei, ela, com sua modéstia e simplicidade costumeiras, não pediu nada além do que o eunuco lhe sugerira.

O rei viu Ester e, em seu semblante, a nobreza de sua alma. Comparou sua beleza com a de suas rivais e, julgando-a superior, concedeu-lhe a dignidade que sua primeira esposa perdera.

Lemos e testemunhamos muitos exemplos de indivíduos que, saindo de uma condição de obscuridade para uma posição superior na vida, esquecem sua origem, renegam seus parentes e, atribuindo unicamente a si mesmos a aquisição de sua fortuna, assumem um domínio sobre aqueles para quem a sorte não sorriu. Nós, infelizmente, testemunhamos tantos exemplos de ingratidão para com Deus que não nos surpreenderia se a história registrasse que Ester, deslumbrada com o esplendor de sua coroa, intoxicada pelo luxo, apaixonada pelas homenagens que tantos nobres e príncipes lhe prestavam, tivesse, finalmente, cedido à tentação e se esquecido de si mesma, de seu primo e de seu povo. Mas não; a rainha Ester, tão obediente como sempre foi, tão zelosa com seu povo e sua nação quanto quando era pobre, não se distanciou dos mandamentos de seu Deus e de seu amado primo.

Tendo, então, conhecido seu caráter, você pode perceber facilmente quão consternado seu coração generoso deve ter ficado quando seus servos lhe informaram da desolação e do pesar de Mordekhai e quanto mais deve ter ficado quando soube a real causa da miséria dele. Mesmo assim, a religião não falhou em seu auxílio. A religião, que dá ao ser humano uma força sobrenatural; a religião, que eleva a mente acima dos objetos terrenos e, às vezes, capacita a realizar feitos que, em circunstâncias comuns, considerar-se-iam além das possibilidades; a religião foi assisti-la. Apesar de, inicialmente, recusar-se a aparecer diante do monarca, pois a lei ordenava a morte a todo aquele que entrasse na sua corte sem ser convocado; contudo, quando ela ouviu que a decisão final de seu primo era que ela *deveria* aparecer, ela cedeu a isso, submetendo sua causa, não à sua beleza nem a seu talento ou à sua eloquência, mas ao Ser Onisciente, que disse: “E buscarás de lá [de entre as nações onde tiveres sido espalhado] ao Eterno, teu Deus, e O encontrarás, contanto que O requeiras de todo o teu coração e de toda a tua alma.”⁵

⁵ Debarim/Deuteronômio IV, 29. (N. do T.)

A rainha Ester, portanto, de acordo com essa promessa, ordenou um jejum a todo Israel por três dias consecutivos, para que cada um, deixando de lado os cuidados com o corpo, pudesse concentrar todas as suas atenções na devoção e na contrição, implorando misericórdia e favor de nosso Pai Celestial, cujos ouvidos estão sempre abertos às súplicas de um coração contrito. Ele ouviu o clamor e concedeu a petição deles. Ele que tinha, recentemente, permitido o decreto de extermínio dos judeus, sentenciou à morte todo aquele que os afligia. O ministro imoral que, por ambição, tinha induzido seu rei a cometer um ato deplorável, morreu vítima de sua própria infâmia. Aquele povo que tinha afiado suas espadas para investir contra os inocentes israelitas recebeu a recompensa que lhe era devida.

Então, para usar uma comparação, após uma noite nebulosa os vapores acumulados desaparecem diante dos raios solares; assim desapareceram, em um só dia, os inimigos de Israel diante do Eterno dos Exércitos, que Se levantou em seu auxílio. O dia, que foi ansiosamente esperado pelos perseguidores de nosso povo como um dia de pilhagem e matança, converteu-se em um dia de gozo e alegria. Portanto, a retidão triunfou sobre a injustiça, a piedade sobre a perfídia; assim, aqueles dois primos de corações nobres que, ajudados pelo Todo-poderoso, salvaram seus irmãos quando estavam à beira do precipício, alegraram-se com sua salvação, unindo-se em doce harmonia para render graças a Ele, que rapidamente converteu a escuridão em luz, pranto em festa e morte em vida.

Fariamos injustiça à história, se, ao narrarmos as vidas desses heróis, omitíssemos os traços que mais merecem nosso encômio. Na verdade, a conduta dos judeus em relação a seus inimigos enche nossos corações de admiração. Onde podemos encontrar um exemplo de um povo que, atacado sem provocar seus perseguidores – que vinham com fúria derramar sangue inocente e incitados apenas pela ganância de ganhar – foi tão virtuoso em não retribuir o mal que lhes desejaram, mesmo tendo o poder de fazê-lo? Tal foi a conduta dos israelitas para com seus inimigos, mesmo permitido pelo rei que lutassem por suas vidas contra seus perseguidores e que se enriquecessem com suas propriedades, recusaram-se, com moderação ímpar, a tocar naquilo que, de acordo com as regras de batalha, tinha se tornado seu. Filhos de Abraão valiosos, que, movidos por um impulso humano, deixaram sua pacífica habitação e correram em auxílio de um povo e, após terem desbaratado seus agressores, recusaram-se a se apropriar mesmo da menor parcela do espólio. O povo de Israel, compelido a pegar nas armas contra seus

inimigos e por amar sua própria vida, quando se perceberam livres da perigosa ameaça, embainhou sua espada e não manchou sua vitória cedendo ao saque e ao espólio. Se os judeus tivessem agido diferentemente, se tivessem dado ouvidos à lei da guerra ao verem o ouro e a prata em vez de escutarem nossos preceitos religiosos, se tivessem cedido à cobiça humana natural; teriam sacrificado a virtude por uma vantagem precária e seriam odiosos aos olhos das nações entre as quais foram cativos e, sobretudo, indignos da salvação do Todo-poderoso. A mão do Eterno, novamente, estendeu-se para os salvar e outra vez remanesceram como Seu povo. É, então, para celebrar esse milagre de Deus, que nos reunimos em nossas sinagogas no dia 14 deste mês, para ler a Meguilá. É pela mesma razão que jejuamos no dia anterior, para que nos identifiquemos com a ansiedade de nossos irmãos do passado, e com sua alegria também.

Não pensem, meus queridos pupilos, que, somente por jejuarmos e nos alegrarmos, temos feito aquilo que a obediente rainha Ester ordenou. Devemos observar dois outros importantes mandamentos que nos foram impostos: o primeiro, que envolve o dever de dar presentes um ao outro, é determinado para fortalecer ainda mais os laços de amor mútuo, que deve existir entre os membros da casa de Israel; o outro, ainda mais sagrado, por prescrever a obrigação de termos o espírito aberto para com os necessitados, é um preceito que, não apenas nessa ocasião, mas em todas as circunstâncias de suas vidas, todo dia, todo momento, vocês devem se esforçar sinceramente para guardarem. “A caridade”, diz o mais sábio dos homens, “livra da morte.”⁶ Não importa, meus pupilos, se o presente é mais ou menos, mas se for dado, dentro das possibilidades, com boa vontade. A grande recompensa que espera o homem caridoso neste mundo e no vindouro, e que é tão frequentemente mencionada na Bíblia e no Talmud, é expressa pelo profeta Isaías em seu enfático estilo: “[se] repartir o pão com o faminto, recolher em casa os infelizes sem abrigo e, vendo alguém nu, vesti-lo, e jamais te esconderes daqueles que são tua própria carne, então, prorromperá tua luz como a alva, tua cura brotará, tua justiça irá diante de ti e a glória do Eterno te seguirá.”⁷

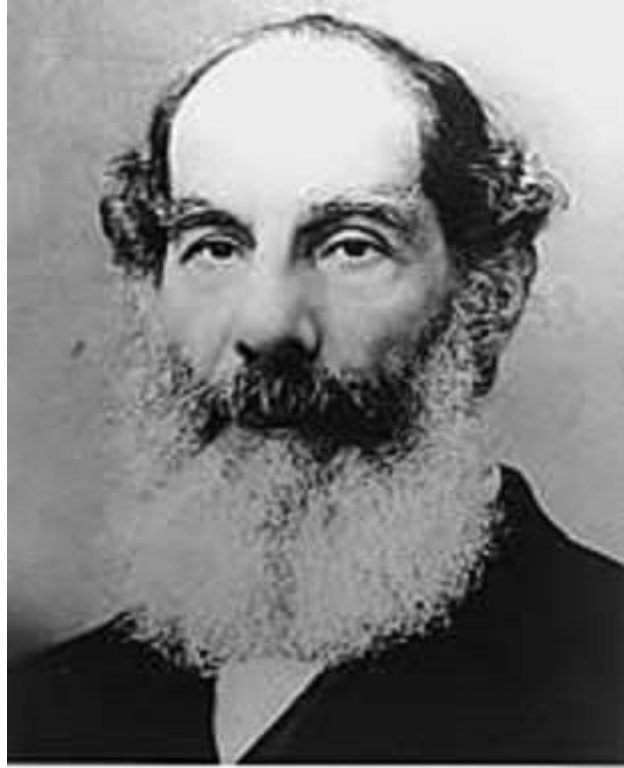
Devo prolongar meu discurso com a figura do imenso benefício que brota da execução de um dever tão importante. Sinto-me convencido de que minhas palavras

⁶ O rei Salomão expressa isso em Mishlê/Provérbios X, 2. Tal princípio também é encontrado no Talmud Babli, Baba Batra 10a. (N. do E.)

⁷ Yeshayahu/Isaías LVIII, 7-8. (N. do T.)

são inigualáveis à magnitude deste tema, mas vocês veem em si mesmos um efeito imediato da caridade. Vocês, pobres órfãos, através dela, podem desfrutar todas as vantagens que puderem desejar. Vocês estão em dívida com ela por sua manutenção diária. À caridade incessantemente concedida, vocês devem a educação moral e a instrução que lhes é fornecida nesta instituição, que os capacitará um dia a ocupar cargos honráveis na sociedade. E se a sua subsistência e educação dependem da caridade, quem pode apreciar esta grande virtude mais do que vocês? E quem deve se sentir mais ávido para exercitá-la do que vocês? Vocês serão capazes de provar que a caridade, que vocês recebem em seus tenros dias, forneceu-lhes estudo, ordem daqueles que não pouparam esforços para promoverem seu bem-estar, conselho daqueles que lhes conferem incessante bondade. Como a ilustre judia cuja história e cuja virtude traçamos hoje, sejam obedientes a seus superiores; deixem que o caráter dela seja, indelevelmente, impresso em suas mentes; que sua humildade, sua fé e sua gratidão para com seu benfeitor seja exemplificada em suas vidas. Como a rainha Ester, tanto na adversidade quanto na prosperidade, em uma condição ruim e na melhor delas, permaneceu fiel a seus princípios; possam vocês também, enquanto respirarem, continuar inabaláveis nos preceitos de nossa sagrada religião, o único meio pelo qual vocês obterão favor aos olhos de Deus e dos homens.

שבתאי מוראיס



Hakham Sabato Morais, a"h, nasceu em Livorno, Itália, em 1823. Era descendente dos Morais que fugiram de Portugal, provavelmente durante a Inquisição. Estudou com os hakhamim Funaro, Curiat e outros e, então, com Abraham Barukh Piperno, logrando menção honrosa em belas-lettras com o Prof. Salvatore de Benedetti. Foi o hazan da congregação hispano-portuguesa de Londres em 1845. Em 1846, passou a ser professor de hebraico da escola de órfãos. Depois, foi hazan na congregação Mickve Israel, na Filadélfia, e também um dos fundadores do *Jewish Theological Seminary* em Nova Iorque. Faleceu na Filadélfia em 1897.